

**ALGUMAS IDÉIAS EM RASCUNHO
SOBRE A PESQUISA
COMO CONSTRUÇÃO SOLIDÁRIA DO CONHECIMENTO
NA PRÁTICA DE QUEM EDUCA¹**

Carlos Rodrigues Brandão

Mas não falemos de fatos. Já a ninguém importam os fatos. São meros pontos de partida para a invenção e o raciocínio. Nas escolas, nos ensinam a dúvida e a arte do esquecimento. Sobretudo o esquecimento do pessoal e local.

Jorge Luis Borges
no conto: utopia para um homem que está cansado
de: O livro de areia²

A ciência moderna legou-nos um conhecimento funcional do mundo que alargou extraordinariamente as nossas perspectivas de sobrevivência. Hoje não se trata tanto de sobreviver; mas de saber viver. Para isto é necessária uma outra forma de conhecimento, um conhecimento compreensivo e íntimo que não nos separe e antes nos una pessoalmente ao que estudamos. A incerteza do conhecimento, que a ciência moderna sempre viu como limitação técnica destinada a sucessivas superações, transforma-se na chave do entendimento de um mundo que mais do que controlado tem que ser contemplado.

Boaventura de Souza Santos³

1 Esta é uma versão reduzida, para leitura na fala inaugural do Encontro sobre Educação no Campo, em Florianópolis, no dia 18 de março de 2013. O autor disponibiliza para quem queira a versão completa.

2 Editora Globo, São Paulo, 1995, 7ª edição, na página 93

3 Não tenho a citação direta. Esta citação foi tomada de uma das epígrafes de uma tese de doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade de Uberlândia. Maria das Graças Campolina Cunha, uma ex-doutoranda minha, lembrou-se de tomá-la como epígrafe e o fez sem maiores dados. Copiei de sua tese sem me lembrar de obter por minha conta os dados complementares. Espero fazê-lo um dia.

Alguns esboços iniciais

Que não pareça a quem me leia ou ouça demasiado ousado começar estas palavras a uma fala inaugural de um Encontro entre educadoras e educadores, com duas citações de dois autores provavelmente quase opostos. Um é um escritor de prosa e poesia. Um dos meus escritores de "quase todos os dias", como também é João Guimarães Rosa. Mas um homem aos nossos olhos críticos possivelmente contraditório e até contrário. Pois suas escolhas de fundamentos de compreensão da vida e do ser humano e, mais ainda, sobretudo as suas opções políticas, inclusive durante o longo período da cruel ditadura militar em seu país, a Argentina, foram sempre consideradas como uma adesão a posições conservadoras e até mesmo.

Prestem atenção na palavra "esquecimento". Possuindo ela talvez aqui um sentido do mal, nós iremos reencontrá-la ao final deste texto, em uma notável escritura de Roland Barthes, quando então o "esquecer" aparecerá como um desejo de quem, como eu também, viveu muito, estudou e escreveu muito, lecionou e pesquisou muito, e agora quer, pelo menos no que lhe é devido... "esquecer".

Já Boaventura de Souza Campos, com quem nos dias finais de 2012 cruzei no aeroporto de Porto Alegre, quando ele vinha de Portugal receber pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul o título de *Doutor Honoris Causa*, é um cientista social não apenas teórico de academia, mas bastante próximo dos e comprometido com os movimentos populares, inclusive aqui no Brasil. Desta linha em diante eu me despeço de Borges e sigo com Boaventura, que nos acompanhará aqui e ali neste escrito.

Não quero vir aqui falar sobre a *pesquisa participante* pois pode ser que isto me obrigue a uma "fala técnica" demais, em um momento e abertura de nosso encontro. Prefiro alargar o nosso olhar e falar a vocês algo da síntese de algumas idéias que imagino estar partilhando com várias outras pessoas - em meu caso desde o começo dos distantes "anos sessenta" - a respeito da *participação da pesquisa na prática de quem educa*.

Ao contrário do que sempre costumo fazer em ocasiões como esta, quando bem longe de aparatos da tecnologia pós-moderna - anoto a mão a minha fala e a pronuncio seguindo apenas o meu roteiro (que não raro sacudo diante de quem me vê e ouve, dizendo que "aquilo" é o meu "data-show"), desta vez vou ler o que penso, intercalando com observações dita de viva e improvisada voz. Trouxe um texto mais longo, que deixarei aqui em cópia de papel e em versão

eletrônica, para quem porventura queira copiar para seu uso. De igual maneira, trouxe também outros textos que poderei colocar à disposição de vocês⁴.

Faz alguns dias, já neste ano de 2013, eu estava num auditório da Universidade Federal Fluminense, em Niterói. Era um dia quente de fevereiro e nós nos reunimos ali para convivemos com Osmar Fávero uma manhã de reconhecimento ao que ele fez pela educação, agora que em 2013 ele chega aos 80 anos. A mim foi dada a honra de sentar ao seu lado diante de uma plateia que trazia a Niterói gente vinda de vários recantos do país. E por um pouco mais de uma hora, recordamos diante dos mais jovens (todas as pessoas menos re 60 anos), o que oram aqueles anos em que, antes de depois de 1964, começamos a dar nomes como: *cultura popular*, *educação libertadora*, *educação popular* e, mais tarde, *pesquisa participante*.

Falando bem mais do que eu (o que nem sempre é fácil) Osmar Fávero recordou décadas entre a de 60 e os dias de agora. Ele prossegue como um professor, mesmo depois de aposentado. Procuro seguir os seus passos. Concluída a nossa "mesa redonda", em um momento seguinte e depois de vários e tocantes depoimentos, foi solenemente lida a moção da Faculdade de Educação da UFE. Uma moção em que se requeria a Osmar Fávero o título de *professor emérito*.

Dentre as minhas lembranças, me veio a de como começávamos a utilizar no Movimento de Educação de Base, onde justamente Osmar Fávero foi meu "coordenador", uma proposta então renovadora de pesquisa junto a comunidades populares com este nome: *estudo de área*. Trouxe um exemplar impresso e poderei mostrar a quem deseje conhecê-lo. Era um modelo de pesquisa aplicada, destinada ao conhecimento dos principais problemas das comunidades populares em que pretendíamos trabalhar com programas de "educação de base".

Era algo bastante mais próximo do que as pesquisas academicamente teóricas a que nos acostumamos na academia. Mas, herdada de diagnósticos propostos pela ONU após a Segunda Guerra Mundial, era ainda um modelo de pesquisa "sobre eles". Sua proposta, seus termos, sua linguagem, sua metodologia e seus relatórios finais eram nossos e ficavam conosco. À comunidade restavam os frutos de um trabalho pedagógico derivados (ou não) da pesquisa de área *realizada por nós, sobre eles*.

Anos mais tarde o que veio a ser chamado de *autodiagnóstico*, de *pesquisa ação* ou de *pesquisa participante*, procurou aventurar o salto em direção ao

4 E quem queira ter acesso a boa parte do que escrevi ao longo de minha vida, que entre no site: www.sitiodarosadosventos.com.br. E, ali, ingresse no link: LIVRO LIVRE. Nele estão quase todos os livros que escrevi, entre a educação, a antropologia e a literatura. Vários deles estão em PDF e podem ser copiados ou impressos para usos de quem queira.

outro e seus direitos de co-participar da construção de conhecimentos sobre "ele mesmo", para além de nossos *estudos de área*. Em alguns de meus estudos costumo dizer, entre o antropólogo e o educador, que a *observação participante* surge entre nós quando deixamos de confiar em instrumentos "objetivos" preservadores ilusórios de uma pretendida "neutralidade científica", e passamos a confiar em... nós mesmos.

De igual maneira, mais adiante a *pesquisa participante* surge quando além da confiança em "nós mesmos", nós nos atrevemos a outro salto, aquele que implica a confiança "no outro". Confiar em que outros que não eu, situados fora de meus saberes eruditos, de minha teoria de ciência (sempre efêmera e sempre aperfeiçoável e mesmo substituível), podem e devem ser considerados como sujeitos reais, ativos e conscientes de seus próprios conhecimentos. E das ações sociais de teor também político dele derivadas.

Vivemos agora um momento altamente fecundo e desafiador. Boaventura de Souza Santos em nossa epígrafe já nos antecipou. De um lado, somos convocados agora a uma vôo dificilmente imaginável em décadas passadas. Somos desafiadas a ensaiar novas interações entre o saber consagrado das ciências e outros saberes. de outros campos, de outras mentes, de outras tradições do pensar, do criar e do imaginar. Somos desafiadas a nos lançarmos, em nome de algo que vai do /"pensamos complexo" às abordagens holísticas, a novas integrações entre nossos campos de ciências. Estamos derrubando outros "muros de Berlim" e estamos ousando transitar entre fronteiras dentro do mundo das ciência e entre ele e outros vários mundos. Estamos sendo desafiados a passar de uma visão de ciências-de-certezas", de vocação antiquadamente positivista, para co-ciências e saberes de incertezas em diálogo.

No entanto o próprio Boaventura, e tantos outros antes e depois dele, nos chamam a atenção para dois pontos essenciais. Primeiro, qualquer que seja a altura de nossos voos, o ponto de partida e o de chegada deve ser sempre a questão do humano. Deve ser o compromisso com a felicidade humana. Deve ser a nossa partilha em uma luta inda abeta e sem tréguas contra tudo o que nos coloniza e nos desumaniza. Deve ser, não esqueçamos, um compromisso com o humano a partir do lugar social onde ele, por ser mais excluído e injustiçado, é o mais merecedor de não apenas nossas pesquisas, mas o nosso compromisso e as nossas ações: a pessoa o povo. O povo como pessoa.

E lembrar que um outro argentino, gora um papa latino-americano, Francisco 1º , ainda ontem dizia diante de cinco mil jornalistas: "*ah, como eu sonho com uma igreja pobre e para os pobres*". E eu corrigira: "*e com os pobres*". "E a partir dos pobres".

Segundo, entre as sempre presentes primeiras idéias de Paulo Freire e as mais recentes ousadias teóricas e práticas de uma "antropologia perspectivista", avançamos agora em quebrar talvez a mais difícil e mais injusta das barreiras que vemos diante de nós, em nossos caminhos. Aquela que nos separa, como sujeitos-criadores-de-saberes, de nossos "objetos-do-saber-construído".

Estamos em vias de compreender o antes impensável: entre "nós" e "eles não apenas - em termos de diferenças culturais ou de multiculturalismo - existem apenas diferenças de saberes, onde antes víamos desigualdades de conhecimentos, mas, para além de tudo isto, entre eles e nós talvez sejam justamente as diferenças o que os deveria tornar aos nossos olhos criadores pessoais e coletivos de conhecimentos, saberes, repertórios de sabedoria cuja legitimidade diante dos nossos os faz não apenas legítimos "sabedores do seu, 'como nós', mas, como nós, outros cientistas, outros pensadores, outros artistas, outros sábios. E não apenas pessoal e culturas a quem, como num gesto disfarçado de poder, alçamos da categoria de "objetos de pesquisa" á de "sujeitos de suas pesquisas, conosco".

Aqui mesmo, nesta mesa e nesta sala, não como pitorescos exemplares de culturas populares e de comunidades de indígenas, de quilombolas ou de camponeses, outras pessoas populares, senhoras de seus saberes e sabiamente diversas de quem somos, deveriam estar sentadas para não apenas ocuparem os nossos intervalos de falas e escutas, mas para dizerem com a mesma legitimidade com que nos dizemos "as nossas verdades" , as suas imagens, as suas idéias, as suas teorias. E não apenas sobre eles e seus mundos, mas sobre o entre-nós e os mundos em onde nos encontramos.

Salto agora algumas passagens deste texto longo e o retomo na série de idéias com que prossigo estas palavras de "abertura", todas elas iniciadas por um mesmo verbo: "podemos".

Um breve rascunho entre sete sínteses

primeira

Podemos acreditar com os diversos inspiradores dos novos modelos de pensamento, dos paradigmas emergentes, que a razão de ser do pensamento e da ciência desta Era do Conhecimento não é mais, com prioridade, o criar, através de experiências de alta competência e especialização, conhecimentos tão especiais que não possam estabelecer redes de interlocução sequer com campos vizinhos do saber.

A pesquisa serve à criação do saber e o saber serve a interação entre saberes. A interação dialógica entre campos, planos e sistemas de conhecimento

serve ao adensamento e ao alargamento da compreensão de pessoas humanas a respeito do que importa: nós-mesmos, os círculos de vida social e de cultura que nos enlaçam de maneira inevitável, a vida que compartilhamos uns com os outros e todos os seres da vida, o mundo e os infinitos círculos de realização do cosmos de que somos, nossa pessoa individual, nossas comunidades, a vida, o nosso mundo, parte e partilha.

Todo o conhecimento competente não vocacionado ao diálogo entre saberes e entre diferentes criadores de saberes – inclusive os situados fora do campo das ciências acadêmicas e dos saberes autoproclamados como cultos e/ou eruditos – não tem mais valor do que o de sua própria solidão.

segunda

Podemos acreditar no intervalo da comunicação entre os defensores dos modelos de objetivação da ciência (os herdeiros da tradição epistemológica da “física social” entre os cientistas da pessoa e da sociedade) e os defensores dos modelos de subjetividade do cientista (os herdeiros da tradição epistemológica das ciências do espírito, para quem o fundamento da sociedade é a ação humana e o fundamento da ação humana é a sua subjetividade) que, qualquer que seja o seu campo de realização e, mais ainda, de integração com outros campos de ciências e de interação com outros domínios de criação de conhecimento-valor, a pesquisa científica e o cientista devem lutar por preservar critério de rigor, de objetividade e de honesta competência em seu trabalho.

Isto não deve ser contraposto ao crescendo da evidência de que tão una, totalizante, múltipla, complexa, diferenciada, previsível, incerta e conectiva quanto é qualquer plano do que chamamos (própria ou impropriamente) de “realidade”, são as diferentes alternativas de perceber-la, de investigar-la, de criar teorias de interpretação sobre ela e de buscar compreensões integrativas entre seus vários eixos de conexão.

Qualquer teoria científica é uma interpretação entre outras e vale pelo seu teor de diálogo, não pelo seu acúmulo de certezas. Todo o modelo de ciência fechado em si mesmo é uma experiência de pensamento fundamentalista, como o de qualquer religião ou qualquer outro sistema de sentido fanático.

terceira

Podemos acreditar que o fosso de desigualdades e de uso de maus espelhos entre as ciências “naturais” e as “sociais” deve tender a ser um intervalo aberto e fracamente dialógico entre umas e outras. A prática do ambientalismo e as convergências de conhecimentos nas “novas ecologias” (da

mais “científica” à “profunda”, à “da mente”) bem podem ser um caminho a seguir aqui. Podemos acreditar que, ao contrário do que vimos acontecer ao longo dos últimos séculos, o modelo das ciências sociais não é a boa prática das naturais.

As ciências da natureza aprendem a relativizar (matemática inclusive), a pluralizar compreensões, a subjetivar métodos e a descobrir e compreender através do diálogo entre leituras e, não, através de monólogos de certezas. Tomam, portanto, um como modelo de teoria e prática, a atualidade dos dilemas das ciências humanas. Isto não significa uma inversão de domínio, pois o sentido de domínio deve deixar de existir aqui. Significa que de um lado e do outro – até não existirem mais lados, como margens que separam – o avanço da compreensão está relacionado a um progressivo e irreversível abandono das variantes do positivismo científico e lógico, da redução da compreensão à experimentação e da experimentação à manipulação de sujeitos sobre objetos.

E este caminhar direcionado à construção lenta, diferenciada e progressiva de uma transdisciplinaridade, em nada significa o sonho (um pesadelo, na verdade) de uma ciência única, pan-unificadora. Não converge sequer para a criação de uma pan-teoria geral do saber, mas, ao contrário, abre-se ao que de maneira afortunada Boaventura de Souza Santos chamou de “um conjunto de galerias temáticas onde convergem linhas d’água que até agora concebemos como objetos estanques”. Esta convergência, lembremos uma vez mais, retoma o valor e o sentido tanto das diferentes outras alternativas culturais de construção de saber e de criação de sentido e valor, incluídas aí as diferentes tradições populares e de povos testemunho.

quarta

Podemos acreditar que a finalidade do conhecimento é também, e é antes de mais nada, a de produzir respostas urgentes e prementes para as reais necessidades e aspirações de pessoas humanas. Se existe uma utilidade fundamental da ciência ela está na criação e ampliação da compreensão humana a respeito dos e das integrações entre os mistérios da própria pessoa, do mundo em que ela vive, da vida em que ela e outros seres da vida se realizam e de totalizações diferenciadas em que tudo isto existe e a que converge, sem perder dimensões de sua identidade.

Mas esta abertura do valor-ciência à compreensão totalizadora, à decifração maravilhada de mistério, à descoberta incessante de novos e mais desafiadores mistérios a serem decifrados, ao aporte infinito de saberes-valores a todas as aventuras do diálogo entre pessoas e entre grupos de pessoas, povos e culturas, não deve ocultar o fato de que hoje, mais do que nunca, a

sobrevivência e a felicidade cotidiana de pessoas, de grupos humanos, de povos e de nações, de toda a humanidade, no limite, possuem exigências urgentes formuladas aos saberes da ciência.

Se de um lado vivemos hoje o feliz momento em que todo o mundo do saber, da ciência e da educação se abrem de forma escancarada e desafiadora em direção a horizontes de interações, integrações e indeterminações antes sequer sonhados, vivemos, por outro lado, um tempo universal de "modernidade líquida" que, bastante mais do que em qualquer outra era da história, ameaça colonizar todas as esferas da vida e do destino de todas as pessoas.

Um saber de partilha, uma ciência de compromisso com a felicidade humana, com a justiça, a inclusão, a liberdade estendida a todos os seres do Planeta Terra, não pode fazer-se neutra ou isenta, diante de uma ameaça de colonização midiática, utilitária, instrumental e competitiva, associada a uma educação cuja vocação não é mais o formar a pessoa consciente-cooperativa, mas apenas capacitar o indivíduo competente-competitivo, disciplinada e utilitariamente subordinado aos padrões e desejos do mundo do mercado.

quinta

Podemos defender a idéia de que assim como todas as outras práticas sociais, a ciência e a educação que sonhamos praticar e através das quais descobrir e ampliar *ad infinitum* sujeitos e campos sociais de diálogo criador e emancipatorio, pretendem estar falando desde o lugar social da comunidade humana concreta e cotidiana. E pretendem se dirigir a comunidades humanas de criadores da vida de todos os dias e da história que esta vida múltipla entretece e escreve.

A escolha dominante e crescentemente dominadora do saber que se cria segundo os interesses do lugar social mercado de bens, e que fala em seu nome e que se dirige não apenas a ele, mas a subordinar todos os outros campos de realização da vida e da criação da história a ele, deverá ser constituído como um plano oposto de nosso diálogo. Um plano não situado fora de nosso desejo de diálogo a partir do "lado da vida", de que fala Walter Benjamin, pois também ele está constituído por pessoas humanas.

Mas um lugar de interesses utilitários sobre o pensamento, sobre a ciência e sobre a educação cuja vocação clara ou implícita e a de reduzir pessoas a mercadorias e criações livres de pensamentos à reprodução robotizada de ordens de serviço, como se toda criação da mente e do coração humano fossem destinados apenas a isto.

sexta

Podemos pensar com Sartre. Podemos lembrar aqui uma de suas passagens mais memoráveis. Em algum lugar de *A questão do método* ele, falando sobre o que é essencial na repartição da vida humana, diz isto:

O essencial não é o que foi feito do homem, mas o que ele faz daquilo que fizeram dele. O que foi feito dele são as estruturas, os conjuntos significantes estudados pelas ciências humanas. O que ele faz é a sua própria história, a superação real destas estruturas numa práxis totalizadora.

Para além da realização dos planos intelectuais de um sujeito de conhecimento – um filósofo, um cientista, um investigador – e para além da utilização e dos benefícios estendíveis a quem foi antes um objeto de conhecimento através de uma pesquisa, todo o trabalho conseqüente de investigação deve objetivar ser um passo a mais no caminho da realização humana. Deve ser alguma forma de compreensão mais alargada, mais profunda a respeito de algo não conhecido, imperfeitamente conhecido ou passível de, através de uma outra fração de conhecimento confiável e dialogável, ser incorporado a um “todo de compreensão” mais fecundo.

Mais fecundo como conhecimento integrado “a respeito de” e também como possibilidade de realização do conhecimento como um projeto de transformação de algo em alguma coisa melhor. Todo o bom saber transforma o que há no que pode haver. Todo o conhecimento de qualquer ciência vocacionada ao alargamento do diálogo e à criação de estruturas sociais e de processos interativos - econômicos, políticos, científicos, tecnológicos ou o que seja - sempre mais humanizadores, integra antes, de algum modo, sujeitos e objetos em um projeto de mudança em direção ao bem, ao belo e ao verdadeiro.

Gaston Bachelard poderia não estar pensando o mesmo que eu escrevi acima. Mas foi também nele que eu me inspirei para acrescentar as idéias contida em suas palavras nas de Jean-Paul Sartre. Elas são estas.

A verdade científica é uma predição, ou melhor, uma pregação. Convocamos os espíritos à convergência, anunciando a nova científica, transmitindo de uma só vez um pensamento e uma experiência, ligando o pensamento à experiência numa verificação: o mundo científico é, pois, nossa verificação. Acima do sujeito, acima do objeto imediato, a ciência moderna se funda sobre o projeto. No pensamento científico a meditação do objeto pelo sujeito toma sempre a forma de projeto⁵.

⁵ Está na pagina 18 de **O novo espírito científico**, editado pela 1968, Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro em 1968.

Podemos fazer algo com a passagem de Jean-Paul Sartre acima. Podemos refletir sobre ela e podemos pensar como e em que medida ela pode ser um dilema anteposto entre o que sabemos, o que devemos aprender a saber, o que fazemos para aprender a saber e o que fazemos com o que aprendemos a saber. Com o que, entre ainda estudantes e já professores, descobrimos que ensinamos também o que não sabemos e, então, pesquisamos. Podemos tomar a idéia escrita de Sartre e esticá-la, se é que isto é necessário. Mas se for e se for também ouviu, um alargamento das suas palavras, quando repensadas para as artes e os ofícios que nos unem aqui, ela poderia ficar mais ou menos deste modo:

O essencial não é o que foi feito do homem. O essencial é o que ele faz e não cessa de seguir fazendo com o que fizeram dele.

O que fizeram dele são as estruturas e os processos sociais de poder e de posse de bens, de serviços, de sentidos, de valores e dos meios através dos quais ele pode pensar e estabelecer de maneira livre e solidária situações de gerar o seu próprio aprendizado e criar o seu próprio pensamento. O que seguem fazendo dele é a reprodução sempre atualizada de estruturas de controle de mentes, de corações e de culturas. São as relações sociais fundadas por e fundadoras de relacionamentos humanos regidos pela desigualdade, pela exclusão, pela subordinação, pelo poder de qualificação de atores sociais e de atribuição desigual de sentido às suas vidas, às suas idéias, às suas ações. São os processos programados de robotização da experiência humana e de conseqüente de tolhimento da liberdade, sob a aparência de que nunca houve tanto direito à escolha autônoma⁶. O que fazem dele é o exercício dado por legítimo da –violência, e depois a violência que a violência original do poder e da posse entre desiguais faz existir.

O que o homem faz é o que ele cria

O que ele cria são os gestos de quando o coração e o conhecimento geram os saberes de sua condição de pessoa em busca da construção de sua liberdade. Aquilo que passo a passo ele escreve quando pensa e inscreve quando age sobre e transforma a sua experiência a experiência cotidiana, dentro e através da qual as redes e teias de pessoas que a assumem como uma criação responsável e solidária, constroem e pensam os termos de sua própria história.

Toda a pesquisa, em qualquer circunstância com esta vocação, e qualquer que seja o seu domínio de pensamento, não é mais do que um pequeno, efêmero e indispensável momento em tudo isto.

⁶ Principalmente no que se refere ao número de canais disponíveis nos aparelhos de televisão.

sétima

Podemos concluir estas idéias e propostas uma vez mais com dois outros pensadores. Tal como em nossas epígrafes, escolhi de propósito um europeu, agora um francês, Roland Barthes, e um latino-americano Eduardo Galeano. O primeiro, em um memorável último parágrafo do livro que resultou de sua aula magna quando assumiu a cadeira de semiologia literária no *Collège de France*, trás na primeira parte do que escreve talvez a melhor definição do que seria... pesquisar. Então ele se dirige às pessoas jovens, como vocês que me escutam. Logo a seguir ele retoma Borges, e fala sobre o esquecimento e a sabedoria que dele provém. Então ele se dirige às pessoas outonais, como eu mesmo.

Já a passagem de Eduardo Galeano vai em direção oposta. Severamente crítica, ele fala de como os saberes do mundo que nos coloniza, ao mesmo tempo imbeciliza ricos e pobres, para que cada um cumpra o seu desgraçado destino na sociedade do primado da mercadoria. Eu não sei onde esta passagem está escrita. Eu a retirei de um cartaz escrito a mão. ele estava no salão do auditório da *Facultad de Letras y Filosofía da Universidad de Buenos Aires*. E estava ao lado de cerca de trezentos retratos e dados sobre jovens, mulheres e homens, mortos ou desaparecidos durante a ditadura da Argentina.

Saibamos ouvi-los e, com eles, concluir esta fala já longa demais.

Roland Barthes

Empreendo, pois, o deixar-me levar pela força de toda a vida: o esquecimento. Há uma idade em que se ensina o que se sabe; mas vem em seguida outra, em que se ensina o que não se sabe, isso se chama pesquisar. Vem talvez agora a idade de uma outra experiência, a de desaprender, de deixar trabalhar o remanejamento imprevisível que os esquecimento impõe à sedimentação dos saberes, das culturas, das crenças que atravessamos. Essa experiência tem, creio eu, um nome ilustre e fora de moda, que ousarei tomar aqui sem complexo, na própria encruzilhada de sua etimologia: Sapiencia. Nenhum poder, um pouco de saber e um máximo de sabor possível.

Eduardo Galeano

Dia após dia, nega-se às crianças o direito de ser crianças. Os fatos, que zombam desse direito, ostentam seus ensinamentos na vida cotidiana. O mundo trata as crianças ricas como se fossem dinheiro, para que se acostumem a atuar como o dinheiro atua. O mundo trata as crianças pobres como se fossem lixo, para que se convertam em lixo. E as do meio, as crianças que não são ricas nem pobres, os têm atados ao pé do televisor, para que desde muito cedo aceitem, como destino, a vida prisioneira.

Que o que estaremos dialogando, ouvindo, testemunhado e falando nestes dias, seja um instrumento a mais a nos abrir entre a mente, as mãos e o coração, em direção ao que importa saber, pesquisar, aprender e ensinar neste mundo que nos promete todos os saberes nunca sabido, ao mesmo tempo em que reproduz a desumanidade que de tão cotidiana e costumeira, quase nos ameça passar despercebida.

Bibliografia

Brandão, Carlos Rodrigues e Fals Borda, Orlando

Investigación Participativa

Cetrullo, Ricardo (org)

1985, Instituto Del Hombre/Ediciones de la Banda Oriental, Montevideo

Freire, Paulo

Criando métodos de pesquisa alternativa

In: Brandão, Carlos Rodrigues (org)

Pesquisa participante

1981, Brasiliense, São Paulo

Santos, Boaventura de Souza

Pela mão de Alice – o social e o político na pós-modernidade

Cortez Editora, São Paulo

Santos, Boaventura de Souza

A crítica da razão indolente – contra o desperdício da experiência

2001, Cortez Editora, São Paulo

Santos, Boaventura de Souza
Um discurso sobre a ciência
Afrontamento, Porto, 2001 (12^a ed)

Santos, Boaventura de Souza
A crítica da razão indolente – contra o desperdício da experiência
Volume I
Cortez Editora, São Paulo, 2001